



Rui Barbosa O Silêncio do Fogo

Demitri Túlio

ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos



Instituto
Rui Barbosa

A Casa do Conhecimento dos Tribunais de Justiça



Rui Barbosa O Silêncio do Fogo

Demitri Túlio

ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos



**Instituto
Rui Barbosa**

A Casa do Conhecimento dos Tribunais de Contas

Presidente

Edilberto Pontes Lima

Vice-Presidentes

Cristiana de Castro Moraes

Vice-presidente desenvolvimento e políticas públicas

Inaldo da Paixão Santos Araújo

Vice-presidente de Auditoria

Ivan Lelis Bonilha

Vice-presidente de relações institucionais

Mário Manoel Coelho de Mello

Vice-presidente de desenvolvimento institucional

Sebastião Helvecio Ramos de Castro

Ensino, pesquisa e extensão

Suplentes da Vice-Presidência

Domingos Augusto Taufner

Felipe Galvão Puccioni

Lilian de Almeida Veloso Nunes Martins

Naluh Maria Lima Gouveia

Rosa Egídia Crispino Calheiro Lopes

Primeiro Secretário

Algir Lorenzon

Segundo Secretário

Fabício Macedo Motta

Tesoureiro

Severiano José Costandrade de Aguiar

Conselho Fiscal

José Valdomiro Távora de Castro Júnior

Maria Elizabeth Cavalcante de A. Picanço

Celmar Rech Luiz Eduardo Cherem

Carlos Thompson Costa Fernandes

Suplentes do Conselho Fiscal

Fernando Ribeiro Toledo

Estilac Martins Rodrigues Xavier

Cilene Lago Salomão

Inácio Magalhães Filho

Patrícia Lúcia Mendes Saboya

Equipe Técnica

Juraci Muniz Júnior

Coordenador Geral

Ana Perpétua Ellery Corrêa

Gerente de Políticas Públicas

Izabelli Lima

Gerente Supervisora

José Wesmey da Silva

Gerente Financeiro

Sandra Valéria de Moraes Santos

Gerente Administrativa e Planejamento

Assessoria Técnica

Alisson Sousa Maciel

Fernanda Ferreira Aguiar

Geovana dos S. Teixeira Ferreira

Iolanda Piancó Amorim

Lia Skaty Pinheiro

Diretor-presidente do Instituto

Plácido Castelo

Ernesto Saboia de Figueiredo Júnior

Diretor Geral do Instituto

Plácido Castelo

Luís Eduardo de Menezes Lima

Consultoria Técnico-pedagógica

Eloisa Maia Vidal

Autor

Demitre Túlio

Ilustrações

Carlus Campos

Projeto Gráfico

Roberto Santos Alves

Felipe Araújo

Revisão

Aida Medeiros Santos

Catálogo na Fonte e ISBN

Josimar Batista dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

087.5

T919r Túlio, Demitri

Rui Barbosa: o silêncio do fogo / Demitri Túlio. - Fortaleza: Edições IPC, 2023.

24. : il.

ISBN: 978-65-85874-03-8 (impresso).

1. Rui Barbosa. 2. Literatura Infantil. I. Instituto Rui Barbosa. II. Título.



Batizaram-me, na Bahia de todos os negros,
de todos os santos e de todos os orixás, de Rui
Barbosa de Oliveira. Nasci no destino e na graça do
dia 5 de novembro de 1849. Fosse para renascer, o
desejo era rebentar novamente em Salvador... Sinos
tocando, atabaques, matracas e berimbaus... e o
mar dos navios nunca mais negreiros.



A história de minha existência também é marcada por polêmicas, nunca fugi das discussões por justiça social. O que me faz ainda vivo, entre concordâncias e discordâncias, na memória do Brasil, mesmo depois de minha travessia final em 1923.

Uma das polêmicas, conto agora para vocês exercitarem o debate cidadão. O episódio, que liga passado e presente da história sempre em movimento, é a queima de parte dos arquivos sobre a chaga da escravização e o tráfico de seres humanos negros para o Brasil.









Eu testemunhei um crime contra
mulheres, crianças e homens africanos,
capturados covardemente em seus torrões
para serem escravizados no sistema
econômico do reino português. Invasor
e explorador das terras indígenas que a
chamariam, depois, de Brasil.

Uma atrocidade também
contra os brasileiros negros e
pardos, descendentes das levas
de cativos trazidos nos nefastos
navios negreiros.



Pois bem, vou voltar no tempo e ancorar o navio-da-história, no Rio de Janeiro. Nos dias perto da aprovação da Lei Áurea pelo Senado, em 13 de maio de 1888. Uma lei necessária que não foi unanimidade e que, certamente, ainda terá repercussões enquanto o Brasil existir.

Foram dias de ofensivas mais fortes contra a resistência da elite escravocrata contrária à abolição no País. Por último, apenas no Brasil, nos Estados Unidos e em Cuba persistia o sistema desumano de raça e a escravização do povo africano.





Por 388 anos, pessoas negras arrancadas da África – famílias inteiras vindas de lá ou nascidas aqui – sustentaram a riqueza de fazendeiros portugueses e brasileiros. O chicote, o estupro, o assassinato e a senzala eram a lei. Eu vi parte dessa brutalidade.

É abominável acreditar que a elite branca no Brasil, por mais de três séculos, subjugou africanos e seus descendentes nas lavouras de café, nas fazendas de gado e de cana-de-açúcar, no garimpo, nas cozinhas da casa grande, na rua e até nas igrejas.



1888, eu vivi, foi o ano limite para
o fim da escravização do Brasil, um
capítulo tão cruel quanto a matança de
indígenas com as invasões portuguesas
e de outros bárbaros europeus no Brasil e
em toda América.



Economicamente, não havia mais espaço para insistência de um sistema imperial sustentado pela escravização de negros. E o resto do mundo já caminhava para a industrialização e para o trabalho pago. Não por bondade.





Em todo o País, as revoltas negras e o movimento abolicionista se intensificaram no cotidiano. Fugas e outras estratégias pela liberdade minavam o sistema escravocrata.

Quatro anos antes da aprovação da Lei Áurea, no Ceará, o presidente da província - Sátiro de Oliveira Dias - decretava o fim da escravização ali. Antecipando-se, assim, à princesa Isabel e gerando um burburinho nacional e na Corte, no Rio de Janeiro.

Além da pressão abolicionista, dos interesses de outra parte de capitalistas brancos, o decreto de Sátiro Dias tinha sido influenciado também por duas greves protagonizadas por jangadeiros cearenses.



Em 1881, os negros alforriados José Napoleão e Tia Simoa e o nascido liberto Francisco José do Nascimento – que ficou conhecido por Dragão do Mar – comandaram o fechamento do porto de Fortaleza e a proibição do transporte de escravizados na província.

O insustentável peso da escravização estava por um fio e pressionado. Em seis dias de 1888, entre 8 e 13 de maio, abolicionistas e escravocratas se engalfinharam entre a Câmara e o Senado. Era o ódio contra a esperança pelo fim da escravização.

Eu vi o fim da senzala no país aprovado no Senado e, no mesmo dia, a princesa Isabel assinar a extinção da “escravidão no Brasil”. Participei da redação do projeto de lei que não reconheceu o direito de propriedade servil de fazendeiros sobre negros.





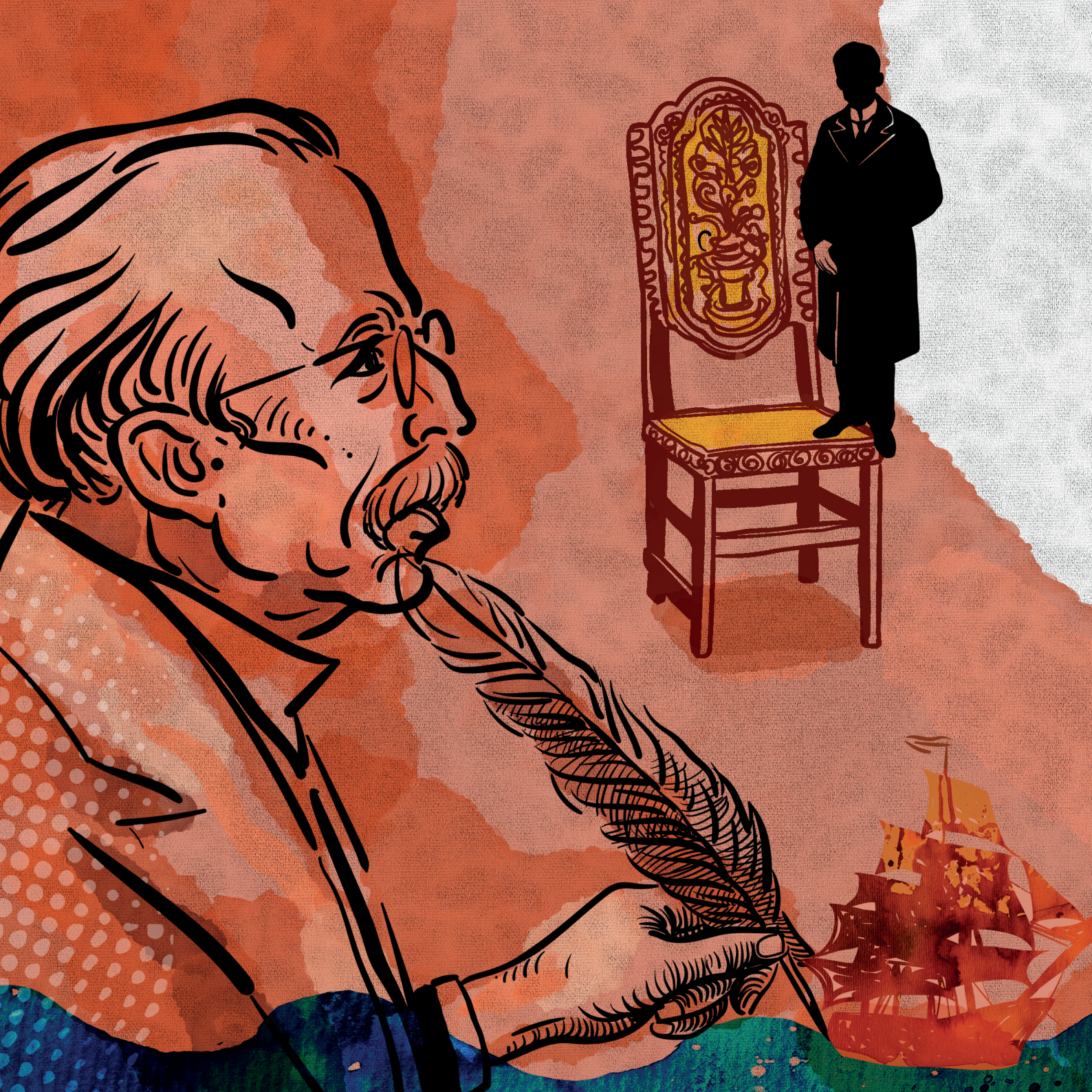


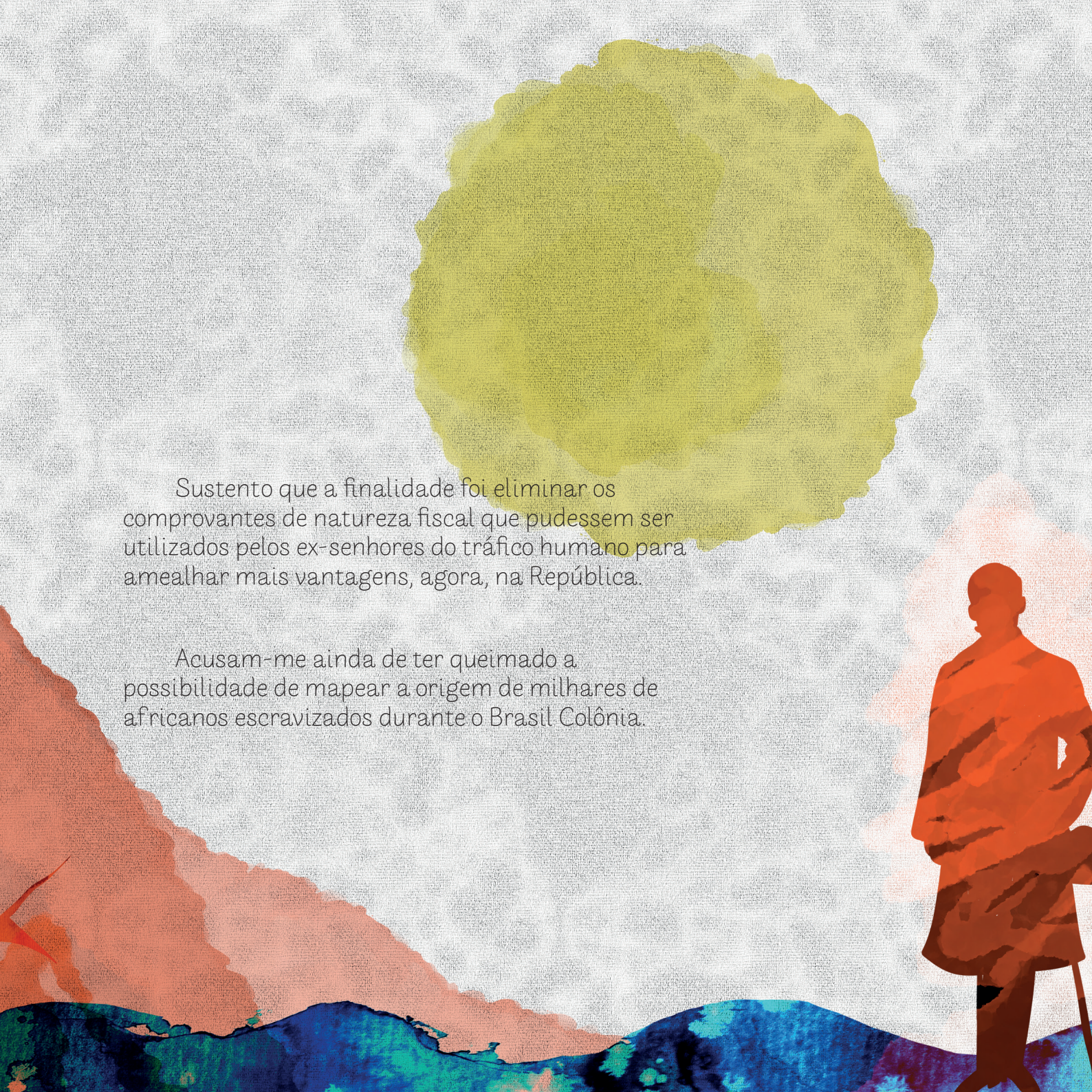
O ódio se instala mais ainda entre os senhores da casa grande. Já em 1884, eu havia escrito que “o princípio da indenização ficara repudiado para sempre, e rotos com ele os famosos títulos de senhorio da raça branca sobre a negra”.

Agora vem a polêmica. Para evitar que o Estado brasileiro pagasse indenizações ao senhorio negreiro, determinei em 14/12/1890, como Ministro da Fazenda, a queima dos arquivos relativos à propriedade de escravizados.

Pelo ato, fui e ainda sou acusado de apagamento de parte da história sobre a barbárie dos quase 400 anos de escravização do povo negro no Brasil.







Sustento que a finalidade foi eliminar os comprovantes de natureza fiscal que pudessem ser utilizados pelos ex-senhores do tráfico humano para amealhar mais vantagens, agora, na República.

Acusam-me ainda de ter queimado a possibilidade de mapear a origem de milhares de africanos escravizados durante o Brasil Colônia.

Minha história não é de arredamentos
nem de injustiças contra qualquer ser vivo.
Deixo para vocês a investigação e o debate
sobre a queima de parte dos arquivos do
nefasto período da escravização no Brasil.

Não tenham medo de se informar
e opinar sobre a queima dos arquivos
e a história dos negros no Brasil. Será
também uma discussão sobre reparação
e protagonismo. E eu sigo no navio da
memória navegando entre o passado e o
presente. Escravização nunca mais!





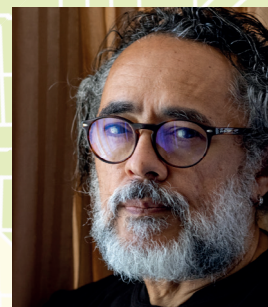


Demitri Túlio

é jornalista. Atualmente é repórter especial, editor-adjunto de Audiovisual e cronista do O POVO. É autor de mais de 20 livros de literatura destinados ao público infantil e juvenil. Alguns inseridos no cardápio de leitura do Programa de Alfabetização na Idade Certa (Paic), da Seduc Ceará. Entre os títulos: "O ovo mudo", "Destestina, o bicho que detesta ler", "Filha de coelha, girafa é", "Sapo, sapato, chulé", "A roupa da zebra", "Bode noivo, galinha encantada".

Carlus Campos

é artista visual. Atualmente é ilustrador do jornal O Povo. É também membro do atelier coletivo Kraft onde trabalha com várias linguagens da arte como, pintura, desenho, xilogravura e fotografia. Seu trabalho como ilustrador está presente em várias publicações com destaque para publicações em livros destinados a vários públicos. Nesses trabalhos, o artista utiliza experiências vindas das artes plásticas enriquecendo sua produção.





Rui Barbosa o homem que vestia palavras

Neste livro um grupo de crianças mergulha no mundo das ideias e das lutas de Rui, um amante da leitura que cedo descobriu a importância de vestir palavras.

Rui O menino-águia que tinha um vulcão na cabeça

No ateliê do avô, o menino descobriu a história de um homem que mudou a história do Brasil. Quando ele era criança, subia em caixões e ficava falando para um público imaginário. Quando se tornou homem, subiu em palcos do mundo e foi aplaudido por grandes multidões. Disseram que ele tinha um vulcão na cabeça! Venha conhecer a história de Rui, O menino-Águia.



PATROCÍNIO



ISBN 9 786585 874038



Fortaleza
PREFEITURA



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
NOSSA VOZ. NOSSA FORTALEZA.



**Fecomércio
Sesc**



**Banco do
Nordeste**



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL



EDIÇÕES
IPC



**TRIBUNAL DE CONTAS
DO ESTADO DO CEARÁ**

REALIZAÇÃO



**Instituto
Rui Barbosa**
A Casa do Cardeiro e do Têxtil do Ceará



SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO



FIEC IEL
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA